

## Cão como nós

Veio antes de a minha filha nascer. Mas não teve ciúmes dela, recebeu-a como um novo membro da família. Porque era assim que ele se sentia, membro da família, cão como nós.

Se para ele a minha mulher era mãe, os filhos eram irmãos. Valha a verdade que era assim que os rapazes o viam: como um irmão. Muito mais tarde, quando o Kurika teve o primeiro ataque, Afonso, o filho do meio, com ele ao colo, dir-me-ia:

– É um irmão.

A relação mais complicada era comigo. Não só entre mim e o cão, mas entre mim e a família por causa do cão. Nunca me olhou como pai, nem eu lho consentiria. Cão é cão.

E só muito a custo se foi resignando a aceitar-me como dono. Talvez porque eu o fizesse sentir mais cão do que ele gostaria de ser, o seu comportamento em relação a mim foi, durante muito tempo, contraditório, oscilava entre a submissão e a revolta, a fidelidade e a independência, entre o cão e não cão. Eu também não estava disposto a abdicar e, assim, na sua

relação comigo, prevaleceu sempre o seu destino de cão. É certo que às vezes me rosnava.

Mas um cão não rosna ao dono, mesmo que se trate de um cão com a mania que o não é. Por isso tinha que o meter na ordem. O que às vezes fazia, confesso, com algum prazer, revoltado com as liberdades que ele se permitia com o resto da família. Então era preciso repor a hierarquia, eu era o dono, ele era o cão, eu levantava a mão e ele agachava-se.

– Fica!

E ele ficava mesmo, nem que tivesse que o empurrar para baixo até ele se deitar, sempre contrafeito, olhando-me de esguelha, jamais convencido de que entre humanos e cães há uma diferença e que essa diferença é favorável aos primeiros. Era um cão rebelde, teimoso, de certo modo subversivo. Às vezes insuportável.

– Como nós, diriam depois os meus filhos.

*Cão como nós*

*Manuel Alegre*

